



Universidades Lusíada

Chaves, Mário João Alves, 1965-

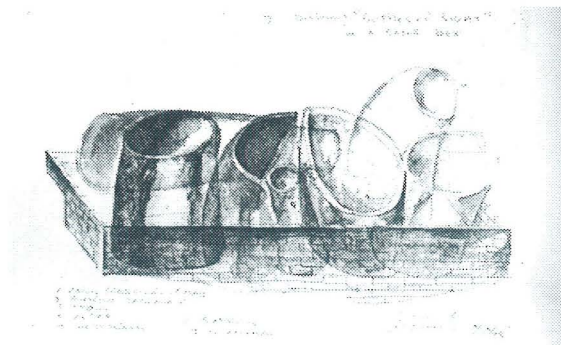
Habitar o futuro

<http://hdl.handle.net/11067/4939>

Metadata

Issue Date	1999
Type	bookPart

This page was automatically generated in 2020-03-05T06:54:53Z with information provided by the Repository



Steven Holl: Capela de San Ignacio.

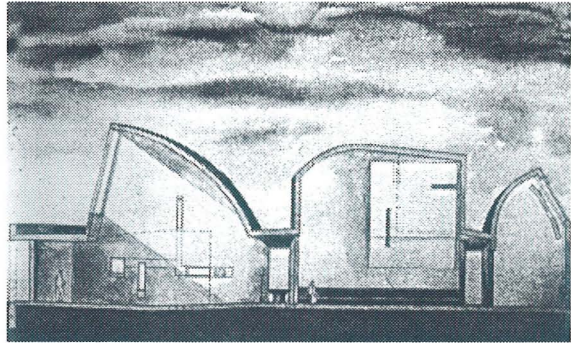
HABITAR O FUTURO

MÁRIO CHAVES

No fim da história evolutiva determinista e consubstanciada pelos *Tempos Novos da Modernidade* a partir do Iluminismo, a indústria das formas cede progressivamente à indústria dos conteúdos o material narrativo que tem legitimado as decisões do presente, reconvertendo os conteúdos a origem preversa das matérias do indeterminismo. A leitura linear historiografada da sequência de acções e conversões para além do real, imaginário e simbólico, na qual os homens podem e devem ser autores do seu destino (à qual a ideia das utopias tecnológicas estavam presas e que George Steiner vê na longa história do Ocidente a génese do *Work in Progress*), pode agora abastecer-se do entrópico crescimento da informação e vinculadora acção narcisista da imagem. Outorga-se em sistema, o reconhecimento de interacções entre os constituintes individuais de uma visão aberta em que os desafios da globalização e da subsidiaridade requerem uma vontade esclarecida e uma memória viva de tradição da liberdade.

A técnica Moderna, que para Heidegger foi a consumação da metafísica ocidental, surge como outro factor de delimitação do Moderno na definitiva consciência da limitação da transformação da Natureza como factor absoluto de rendimento, que levou ao afastamento da natureza dispensadora dos recursos - a mãe geradora do romântismo.

O homem da idade pós-moderna passa a ambicionar um universo em que cada coisa tem apenas um valor na medida em que serve para o projecto de domínio. Daí a exigível equivalência e conservação de todas as coisas, com a consequente revelação da indiferença. Num tempo de incertezas, de memória curta e tempo acelerado, não se anseia o futuro, antes se assiste à perda de noção de processo da evolução de fenómenos históricos, em que o quotidiano é gerado pela fragmentação da hegemónica

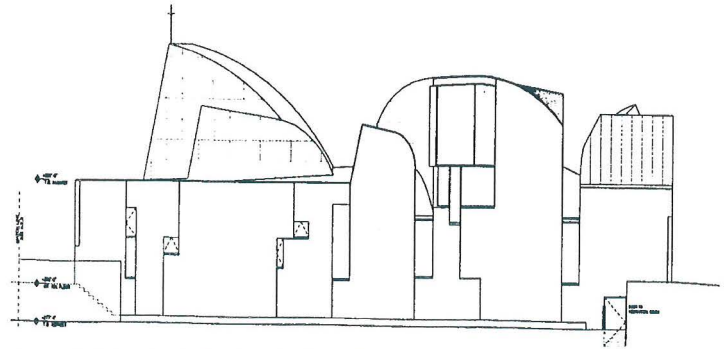


Steven Holl: Capela de San Ignacio. Corte.

informação. O que aconteceu ontem é passado e todas as acções são corroídas pelo tempo rápido fragmentado. Neste cenário, é necessário ultrapassar o conceito prevalecente de causa-efeito, dissolvidas que estão as hierarquias da tradição holista e do estado como garante das liberdades individuais de igual direito, bem como o condicionalismo redutor que as causas precedem os efeitos, sabendo-se que o presente acontece independentemente do passado. É o advérbio do modo da Idade da Informação, assumindo-se ausente da causa-efeito da forma-função, supondo-se que a Arquitectura possa assumir a tacitura do útil em desfavor da função.

A revelação de símbolos e metáforas demonstrativas em linguagem arquitectónica, foi linear neste passado próximo como exaltação do novo pelas vanguardas numa espiral regradada cada vez mais curta. No fim da História linear, espera-se que a Arquitectura, também, reinvente o seu tempo, como mentor exterior à utilidade linear das suas criações. A possibilidade tecnológica de converter toda a ideia e imagem, em informação, em beats, de a conservar, comprimir, transportar, desdobrar, partilhar em inúmeros suportes, cria um formidável número de oportunidades novas para o fabrico de Arquitectura, e, coisa fundamental, a possibilidade de que as obras possuam a epifania da dimensão estética da revelação da aparição do segredo, que o é pela persistência de o ser para além de todas as tentativas de ser desvendado. Ao que Walter Benjamin chamou de *tempo vazio homogénio*. O segredo de uma obra arquitectónica é a do seu tempo ausente, superando o conteúdo e a forma.

O que fará da *geração 1.0* inteligente, incluindo os arquitectos, é a capacidade de apreender os conteúdos e moldá-los a si próprios entropicamente em processos de relevância sobre o modo tempo. A tecnologia electrónica e os meios de transmissão permite-lhes romper com o fabrico e leitura linear do determinismo e enverdarem pela abordagem à produção de formas úteis válidas para novos conteúdos da cibercultura e digitalização, em desfavor da homogeneidade e da sincronia. A ideia de processo, fragmentada que está, autonomiza-se nos conteúdos diversos do Pluralismo. O fio suspenso do tempo sustenta a imperfeição do mundo, e, o estigma e a grandeza da Arquitectura reside em que esta consciência não lhe é inocente.



Steven Holl: Capela de San Ignacio. Alçado Este.

Rompida a tradição do Ocidente que se iniciou no Moderno, atravessou a Modernidade, consolidou o Modernismo e esvaziou-se na Pós-Modernidade, extinguiu-se a vanguarda e a necessidade imediata do progresso numa sucessão constante e vertiginosa de evolução. A suspensão do reconhecimento do tempo linear, remete para a ambivalência da heterogeneidade ahistórica de um movimento perpetuamente criador. A Arquitectura não é mais modernidade e tradição, é a manifestação livre do conceito do caos da forma como Eduardo Lourenço o descreve em *O Esplendor do Caos*; *Basta passar em revista o imaginário deste fim de século, para ter uma ideia do ponto a que chegou um mundo onde o horror se tornou invisível, consumido como pura virtualidade, para ter uma ideia da metamorfose da cultura humana. Pode discutir-se a desordem em que estamos mergulhados revela ou não, em sentido próprio, o conceito do caos. De que não há dúvidas é de que o habitamos como se fosse o próprio esplendor.*

NOTAS:

(LOURENÇO, Eduardo – *O esplendor do caos* – Gradiva. Lisboa, 1998)